

Angela Pequeno\*

## Considerações psicanalíticas sobre a paz e a guerra<sup>1</sup>

Tomo como base deste trabalho dois artigos de Freud: *De Guerra e Morte – Temas de Atualidade* e *Por que a Guerra?*; como pano de fundo dessas reflexões, um livro de 1930, *O Mal-Estar na Cultura*.

*De Guerra e Morte – Temas de Atualidade* foi escrito em 1915, durante a primeira guerra mundial. O segundo foi escrito em resposta a uma carta de Einstein, em 1933. Portanto, são dois artigos produzidos naquele momento histórico conturbado. E, conforme veremos, tratam de questões profundamente atuais, como se Freud estivesse escrevendo nos dias de hoje.

Freud inicia *De Guerra e Morte* refletindo sobre a desilusão provocada pela guerra. De fato, a primeira guerra mundial representou para os homens uma enorme desilusão, significou o desmoronamento de um mundo que se acreditava estável e caminhando para a paz<sup>2</sup>.

No século XIX tinha havido a unificação da Itália, a unificação da Alemanha. Os limites dos países da Europa estavam relativamente bem demarcados. É claro que havia conflitos locais e também fora da Europa. Mas o europeu comum podia se sentir pertencente a uma grande pátria, “uma pátria maior” (p. 279) ou uma “comunidade de cultura” (p. 280), como diz Freud, caracterizada por laços de identidade entre os indivíduos.

Quando eclode a guerra, há todo um questionamento, uma redefinição e um estreitamento dessas fronteiras. Formam-se alianças entre países, que se atacam entre si, e não apenas militarmente. Todo o arsenal científico e ideológico de um país é mobilizado contra os seus oponentes. As fronteiras, como disse Maria Emilia Monteiro Porto, em sua intervenção sobre este tema no Café Filosófico, não são apenas geográficas e territoriais; elas são culturais e simbólicas.

A grande pátria se esfacela. Uma unidade mais ampla se redefine em unidades menores. Para Freud, a pulsão de vida,

---

\* Doutora em Psicanálise (UFRJ). Psicanalista.

ou Eros, tem como meta formar unidades cada vez mais amplas; com o advento da guerra, essas unidades se quebram.

Tomemos um outro exemplo, atual e candente. O Rio de Janeiro no qual cresci era uma cidade. Havia diferenças, é claro, mas também uma identidade básica: éramos todos cariocas e isso nos unia. Hoje em dia, pode-se dizer o mesmo? Em que medida o Rio é uma cidade ou uma fronteira?

A primeira guerra mundial trouxe para o europeu uma desilusão. Se isso se deu é porque havia uma ilusão. Uma ilusão quanto à própria natureza humana, quanto ao estágio que a civilização havia alcançado ou a profundidade com que ela penetra no homem. A guerra vem revelar que a civilização, ou cultura<sup>3</sup>, é um verniz, uma casca. Quando eclode a guerra, vemos-nos capazes de atrocidades que antes não imaginaríamos. Como diz Freud (1915), há muito mais hipócritas da civilização do que homens realmente civilizados.

Uma contribuição fundamental que a psicanálise traz para o debate sobre a guerra e a paz reside na diferença entre pulsão e instinto. Os instintos são padrões inatos de comportamento que caracterizam os animais e lhes permitem uma harmonia em relação a seu meio ambiente, se este estiver em harmonia. Já as pulsões, no homem, respondem ao fato de que somos seres de linguagem. A entrada na linguagem transforma a relação com o mundo de imediata em mediata. Aliados da natureza, nós nos constituímos como seres de linguagem, seres de cultura. O mito da expulsão do paraíso fala exatamente disso. Há uma desarmonia que se dá na origem mesma da cultura, uma desarmonia estrutural. E isso porque, com a entrada na linguagem, algo é perdido. Não existe significante capaz de esgotar o ser do sujeito. À pergunta fundamental: “quem sou eu?”, posso dar uma série de respostas: meu nome, meu sexo, minha profissão. Mas essa pergunta aponta para algo que permanece opaco, enigmático: nada do que poderei dizer irá trazer uma resposta à questão do meu ser, há algo que sempre e necessariamente escapa.

Tendo perdido uma parte de seu ser, o homem tem que aprender a se virar com o que resta, aprender a ser-na-cultura. A relação que o homem estabelece com seu mundo é uma relação pulsional. As pulsões são basicamente egoístas, buscam satisfazer as aspirações eróticas e os interesses de um sujeito.

Na defesa desses interesses, o outro não representa um limite. Mas a satisfação irrestrita das pulsões, tanto eróticas quanto agressivas, acarretaria o fim da sociedade humana. Assim, a sociedade impõe pesadas renúncias pulsionais, às quais o sujeito tem que aquiescer para preservar a possibilidade da vida humana que, como vimos, é vida em uma sociedade de cultura. Há então a necessidade de pôr uma barreira, um freio às pulsões. Essa é a função da educação.

Quanto a isso, há uma concepção da educação, que Freud critica, segundo a qual esta consistiria em erradicar os impulsos considerados “maus”, primitivos e violentos do homem. Isso é impossível. Nada do que foi vivido é de fato ultrapassado, superado. Os impulsos pulsionais, aparentemente suprimidos pela educação, de fato não o são. São recalcados e, como tais, permanecem no inconsciente, em prontidão para aflorar assim que surja uma oportunidade.

A perspectiva da psicanálise é de que existe um conflito. No interior de cada sujeito, assim como na sociedade, nunca há paz, mas sim forças em conflito.

A concepção da psicanálise acerca das pulsões é dualista. O dualismo pulsional recebeu diferentes formulações ao longo da obra de Freud. De acordo com a última formulação, obtida após um longo e extremamente laborioso percurso, o conflito se dá entre a pulsão de vida ou Eros e a pulsão de morte.

Markus Figueira da Silva trabalhou, em sua palestra no Café Filosófico<sup>4</sup>, o Fragmento 53 de Heráclito: “o conflito é pai de tudo, de tudo é rei; designou uns para deuses, outros para homens, de uns fez escravos, de outros, livres”<sup>5</sup>. Se fizermos uma tradução livre de Heráclito para a psicanálise, poderemos dizer que o conflito, pai de todas as coisas, é o conflito entre Eros e a pulsão de morte<sup>6</sup>.

Essa última concepção de Freud acerca das pulsões – e, fundamentalmente, a formulação de uma pulsão de morte – dividiu os psicanalistas. Penso que ela não os dividiu em dois grupos de psicanalistas, mas separou aqueles que não recuaram diante do avanço das descobertas da psicanálise dos outros, que recuaram e permaneceram aderidos a alguma forma de psicologia. O que está em jogo, entre outras coisas, é uma concepção do sujeito. Esses “analistas”, que na verdade seriam psicólogos, se inscrevem em uma concepção que teria alguma afinidade com

Na defesa desses interesses, o outro não representa um limite. Mas a satisfação irrestrita das pulsões, tanto eróticas quanto agressivas, acarretaria o fim da sociedade humana. Assim, a sociedade impõe pesadas renúncias pulsionais, às quais o sujeito tem que aquiescer para preservar a possibilidade da vida humana que, como vimos, é vida em uma sociedade de cultura. Há então a necessidade de pôr uma barreira, um freio às pulsões. Essa é a função da educação.

Quanto a isso, há uma concepção da educação, que Freud critica, segundo a qual esta consistiria em erradicar os impulsos considerados “maus”, primitivos e violentos do homem. Isso é impossível. Nada do que foi vivido é de fato ultrapassado, superado. Os impulsos pulsionais, aparentemente suprimidos pela educação, de fato não o são. São recalcados e, como tais, permanecem no inconsciente, em prontidão para aflorar assim que surja uma oportunidade.

A perspectiva da psicanálise é de que existe um conflito. No interior de cada sujeito, assim como na sociedade, nunca há paz, mas sim forças em conflito.

A concepção da psicanálise acerca das pulsões é dualista. O dualismo pulsional recebeu diferentes formulações ao longo da obra de Freud. De acordo com a última formulação, obtida após um longo e extremamente laborioso percurso, o conflito se dá entre a pulsão de vida ou Eros e a pulsão de morte.

Markus Figueira da Silva trabalhou, em sua palestra no Café Filosófico<sup>4</sup>, o Fragmento 53 de Heráclito: “o conflito é pai de tudo, de tudo é rei; designou uns para deuses, outros para homens, de uns fez escravos, de outros, livres”<sup>5</sup>. Se fizermos uma tradução livre de Heráclito para a psicanálise, poderemos dizer que o conflito, pai de todas as coisas, é o conflito entre Eros e a pulsão de morte<sup>6</sup>.

Essa última concepção de Freud acerca das pulsões – e, fundamentalmente, a formulação de uma pulsão de morte – dividiu os psicanalistas. Penso que ela não os dividiu em dois grupos de psicanalistas, mas separou aqueles que não recuaram diante do avanço das descobertas da psicanálise dos outros, que recuaram e permaneceram aderidos a alguma forma de psicologia. O que está em jogo, entre outras coisas, é uma concepção do sujeito. Esses “analistas”, que na verdade seriam psicólogos, se inscrevem em uma concepção que teria alguma afinidade com

a de Rousseau: o homem é bom, amoroso. A destrutividade surge da frustração da demanda de amor, pode ser explicada por esta. A concepção freudiana afirma que as pulsões, em si, não são boas nem más, mas úteis ou prejudiciais para a cultura. E mais: que o apetite para a autodestruição, o sujeito o abriga dentro de si. A autodestruição é a meta da pulsão de morte.

Eros é a pulsão cuja meta é unir, promover a formação de unidades cada vez mais amplas (Freud, 1920, 1923, 1933). A pulsão de morte, ao contrário, busca efetuar a dissolução dessas unidades, o retorno da vida ao inanimado, ao inorgânico. No final, a morte vence, a vitória final é do “verme conquistador”<sup>7</sup>.

Os poetas têm uma clara visão desse dualismo pulsional:

E que melancólica beleza assumiam as mulheres grávidas; de pé, tendo no seu grande ventre, em que involuntariamente pousavam as mãos, dois frutos: uma criança e uma morte. E seu sorriso denso, quase como um alimento naqueles rostos totalmente esvaziados, não despontava porque às vezes pensavam que esses dois frutos cresciam juntos? (Rilke, p. 12-13).

É desejável que cada sujeito siga para a sua morte pelos caminhos da vida. E as guerras abortam incontáveis vidas humanas, algumas das quais preciosas para a cultura.

Se cada sujeito abriga em seu interior as duas classes de pulsões, a vida, tal como a concebemos, surge não apenas de Eros, mas do interjogo de Eros e da pulsão de morte. No próprio amor entre dois seres humanos, há um componente sádico, agressivo, cuja meta é se apoderar de seu objeto. Mesmo na constituição de uma unidade alguma coisa fica perdida, de fora – essa é mais uma referência fundamental para se pensar a questão da guerra. Além disso, o movimento da vida não consiste apenas em formar unidades cada vez mais amplas, pois, se assim fosse, essas unidades terminariam por sufocar a própria vida. E sim, no movimento da vida, algumas unidades têm de ser desfeitas para que outras possam se efetivar. É necessária a morte para que possa haver renovação.

Dentro dessa concepção complexa, a agressividade é resultado da expulsão para o exterior da pulsão de morte. Cada ser vivo preserva sua própria vida, destruindo a alheia. Na des-

truição do outro, assim, já há uma fusão pulsional. Isso é válido para os sujeitos e também para as nações.

Ou seja, devemos evitar a concepção simplista que reduziria a paz a Eros e a guerra à pulsão de morte. Embora a guerra seja um transbordamento de pulsão de morte, tanto a guerra quanto a paz resultam do interjogo das pulsões. “Cada uma dessas pulsões é tão indispensável quanto a outra; das ações conjugadas e contrárias de ambas surgem os fenômenos da vida” (FREUD, 1933 [1932], p.193). É do conflito pulsional que surgem as manifestações humanas em toda a sua diversidade.

Nesse ponto, podemos aprofundar o paralelo que vínhamos fazendo entre Freud e Heráclito. Para Heráclito, a própria natureza é conflito<sup>8</sup>. E para Freud a dualidade pulsional se estende a toda forma de vida, não é apanágio do sujeito. Assim, ele relaciona as pulsões de vida e de morte, respectivamente, aos processos de anabolismo e catabolismo que ocorrem no interior da célula (1923). E, em sua carta a Einstein (1933), chega a indagar se as duas classes de pulsões não poderiam ser aproximadas às forças físicas da atração e da repulsão.

Se, para a psicanálise, os fenômenos de guerra e paz não são a dualidade pulsional, mas, sim, manifestações desta, para Heráclito, o conflito trágico não pode ser assimilado aos conflitos que irrompem na realidade, mas constitui o seu fundamento.

Retomando o exemplo da Primeira Guerra Mundial, a Europa anterior a 1914 só formava uma “pátria maior” graças ao desvio da agressividade para a conquista imperialista, fora do território europeu. Isto é, a paz interna só era possível porque o conflito era travado nos territórios da África e da Ásia. Essa mesma corrida imperialista foi uma das causas da guerra.

Em *O Mal-Estar na Cultura*, Freud enuncia o princípio subjacente a esse fenômeno que atravessa toda a história humana: “é sempre possível ligar pelo amor uma multidão maior de seres humanos, desde que outros fiquem de fora para receber as manifestações de sua agressividade” (p. 111); e o denomina: narcisismo das pequenas diferenças.

A agressividade, pois, tem como alvo o diferente. Isso é magistralmente mostrado no documentário *Tiros em Columbine*, de Michael Moore.

Alguns educadores pensam que seria possível evitar as guerras se a gritante desigualdade das condições de vida entre os indivíduos e os povos fosse eliminada. Mas é uma ilusão pretender que a agressão desapareça com o estabelecimento da igualdade entre os homens. E é sobretudo ilusório pretender a igualdade, pois a diferença é de estrutura. Esse é um ponto de confluência do pensamento de Freud com o de Hegel, trazido ao Café Filosófico por Juan Bonaccini.

A dialética do mestre e do escravo, à qual Juan Bonaccini se referiu em sua intervenção sobre “Alteridade e Paz”, é um dos aspectos do pensamento hegeliano que interessam ao psicanalista, mesmo porque Lacan irá explorá-la ao longo de todo o seu ensino. A consciência de si surge do confronto inicial de duas consciências, uma das quais se amedronta diante da morte e a outra não. A partir desse confronto, as consciências de si surgem como vencedor e derrotado.

Esse conflito inaugural está no fundamento da constituição da identidade. Vencedor e derrotado para Hegel – homem livre e escravo para Heráclito – são referências inerradicáveis da subjetividade humana.

Reencontramos esse mesmo pensamento em Freud: “é parte da desigualdade inata e não eliminável entre os seres humanos que se separem em condutores e súditos” (1933, p. 195).

A alteridade estrutural vai incidir sobre a atitude dos sujeitos em relação à morte, deixando aí sua marca. No seu artigo de 1915, Freud lembra que, para alguns filósofos, a filosofia e a psicologia surgiram da morte. A morte e a decomposição do corpo que ela acarreta foram o ponto de partida de uma indagação, que culminou com a distinção entre o corpo e a alma.

Freud faz uma ressalva a esse argumento: para um sujeito, a morte própria e a morte do outro têm estatutos completamente distintos. O sujeito não consegue imaginar a própria morte. O que equivale a dizer que, no inconsciente, somos todos imortais. Para o homem “primitivo”, a morte de um estranho, ou de inimigo (o que vem a dar absolutamente no mesmo), não suscita questões: ela é perfeitamente justa e mesmo motivo de triunfo. A morte que nos estarrece, que provoca um enigma insolúvel e, portanto, nos faz pensar, é a morte de um parente ou de alguém que nos é próximo e que, como tal, traz em si algo de nosso eu.

A atitude do homem primitivo diante da morte não foi de forma alguma superada. Mais uma vez, deparamo-nos com a coexistência do atual e do antigo no inconsciente ou, em outras palavras, com a atemporalidade do inconsciente. A destruição das torres gêmeas, que estremeceu os americanos e os fez estremecer no âmago de seu narcisismo<sup>10</sup>, na verdade causou um número de mortes incomensuravelmente menor que o das mortes que os Estados Unidos infligem sobre o que eles arrogantemente consideram “o resto do mundo”. Chomsky (2002) assim se pronunciou, em entrevista, sobre os seus compatriotas:

É difícil escapar da conclusão que, em um nível mais profundo, muito embora possam negá-lo para si mesmos, eles encaram seus crimes contra os mais fracos como tão normais quanto o ar que respiram (p. 51).

Reencontramos aí, intacta, a atitude do homem primitivo frente à morte.

A maioria dos expositores que se apresentaram neste semestre em que o Café Filosófico foi dedicado à paz, trabalhando em diversas disciplinas e a partir de diversos autores, chegaram à mesma conclusão: a paz pode ser obtida pontualmente no tempo e no espaço. Mas nunca será duradoura. A única paz duradoura que podemos conceber é a paz do cemitério. Freud chama Eros “o perturbador da paz” (1923, p. 59). Assim sendo, a própria pulsão de vida é incompatível com a paz.

Mas isso não significa a queda no pessimismo, ou que nada possa ser feito. Freud denomina aquilo que pode ser feito a favor da paz: trabalho de cultura.

Em 1933, Freud define o trabalho de cultura como consistindo em favorecer a pulsão de vida, sob as duas modalidades em que esta se manifesta: os vínculos de amor, com ou sem metas sexuais, e os vínculos de comunidade ou de identificação entre os homens. E conclui seu texto afirmando: “tudo o que promove o desenvolvimento da cultura trabalha também contra a guerra” (p. 198).

O trabalho de cultura, que Freud apresenta como saída possível, é uma concepção complexa. Não deve ser confundido com a transmissão de conhecimentos. Deve ser pensado em sua relação com a falta, a diferença, a perda que se dá desde a

origem. Nesse sentido, a psicanálise é, sem dúvida, um trabalho civilizatório. Mas é uma aposta sem nenhuma garantia, pois forças poderosas se opõem a ela; e não é ela própria isenta de riscos.

O que caracteriza uma ação humana para que ela possa ser considerada trabalho civilizatório? Concluo com esta questão.

### Resumo

O tema deste artigo é a paz, mas só é possível abordá-la em sua articulação com a guerra. A via que a psicanálise encontra para cernir esses dois estados é o dualismo pulsional, cuja última formulação consiste no conflito entre a pulsão de vida, ou Eros, e a pulsão de morte. Na concepção freudiana, a guerra é inerradicável. No entanto, algo pode ser feito a favor da paz, e Freud o denomina: trabalho civilizatório.

### Résumé

Cet article traite de la paix ainsi que de la guerre puisque ces deux notions sont indissociables. La voie trouvée par la psychanalyse pour cerner ces deux concepts est le dualisme pulsionnel dont l'ultime formulation réside dans le conflit entre pulsion de vie – Eros – et pulsion de mort. Dans la conception freudienne l'éradication de la guerre est impossible. Néanmoins, quelque chose peut être faite dans la direction de la paix, ce que Freud appelle le travail de civilisation.

### Notas

<sup>1</sup> Trabalho apresentado em 16/7/2003, no Café Filosófico promovido pela Base de Pesquisa “Metafísica e Tradição” do Departamento de Filosofia da UFRN, encerrando um ciclo de conferências sobre a paz.

<sup>2</sup> Com a exceção da Guerra da Criméia, um século tinha transcorrido sem um conflito internacional de amplas dimensões (BURNS).

<sup>3</sup> Termos que Freud não distingue.

- <sup>4</sup> Intitulada “A Noção de Pólemos (Conflito) em Heráclito”.
- <sup>5</sup> Freud não cita Heráclito, mas sim Empédocles, reconduzindo os dois princípios básicos de sua filosofia, Filia (Amor) e Neikos (Discórdia), às duas pulsões primordiais (1937, p. 246 – 248).
- <sup>6</sup> Algum analista propôs nomear a pulsão de morte como Tánatos. Não encontramos esse termo na obra de Freud. Parece-me que ele vai ao encontro de um certo desvio no pensamento freudiano, pois introduz uma simetria entre as duas classes de pulsões, que Freud pensou como basicamente assimétricas. Eros é ruidoso, visível, é o responsável pelo som e fúria da vida. A pulsão de morte é muda.
- <sup>7</sup> Essa citação de Shakespeare encontra-se em uma entrevista concedida por Freud por ocasião de seus setenta anos: “... the play is the tragedy ‘Man’ and its hero the Conqueror Worm” (Maugüé, Carone e Souza, orgs, p.118).
- <sup>8</sup> Markus Figueira da Silva, “A Noção de Pólemos (Conflito) em Heráclito”.
- <sup>9</sup> Também, quanto a isso, a psicanálise pode produzir algum efeito, com seu trabalho de separação do sujeito em relação ao Outro. O sujeito vai continuar se engajando no jogo social, mas não vai dar tanto crédito a ele. A psicanálise relativiza a servidão dessa obediência cega.
- <sup>10</sup> Em sua lúcida análise do 11 de setembro (publicada no caderno Mais, da Folha de São Paulo, em 23 de setembro de 2001), Žizek demonstra que a surpresa dos americanos foi de fato consequência da colisão da realidade com sua fantasia paranóica.

## Referências

BURNS, E. M. *História da Civilização Ocidental*. São Paulo: Globo, 1999.

CHOMSKY, N. *11 de Setembro*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

FREUD, S. *Obras completas*, Buenos Aires: Amorrortu, 1979:

v. 14: *De Guerra e Morte – Temas de Atualidade* (1915).

v. 18: *Más allá del principio de placer* (1920).

v. 19: *El yo y el ello* (1923).

v. 21: *El malestar en la cultura* (1930 [1929]).

v. 22: *Por que a Guerra?* (Einstein y Freud) (1933 [1932]).

v. 23: *Análisis terminable e interminable* (1937).

O Valor da Vida. MAUGÜÉ, J., CARONE, M. E SOUZA, P. F., orgs.: *Sigmund Freud e o Gabinete do Dr. Lacan*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

LACAN, J. *Proposição de 9 de Outubro de 1967 – 1ª versão*. In: *Documentos para uma Escola II – Lacan e o Passe*. Letra Freudiana, Rio de Janeiro: ano XIV, n. 0, p. 7-19, 1995.

RILKE. *Os Cadernos de Malte Laurids Brigge*. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1979.